

# **Mediadores de Leitura na Bibliodiversidade**

## Ministério da Educação - MEC

### Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES

### Diretoria de Educação a Distância – DED

### Universidade Aberta do Brasil – UAB

#### Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

**Reitor** Carlos Alexandre Netto  
**Vice-Reitor** Rui Vicente Oppermann  
**Secretário de Educação a Distância** Sérgio Roberto Kieling Franco  
**Coordenador da UAB/UFRGS** Luis Alberto Segovia Gonzalez

#### Apoio em Publicações da SEAD

Deise Mazzarella Goulart  
Laura Wunsch

#### Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - FABICO

**Diretor da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - FABICO** Ricardo Schneiders da Silva  
**Chefe do Departamento de Ciências da Informação - DCI** Ana Maria Mielniczuk de Moura

#### Grupo de Pesquisa LEIA: Leitura, Informação e Acessibilidade

Ariel Behr  
Eliane Lourdes da Silva Moro  
Iara Conceição Bitencourt Neves  
Lizandra Brasil Estabel  
Maria Cristina Caminha de Castilhos França  
Maria do Rocio Fontoura Teixeira  
Valdir José Morigi

#### Revisão Textual

**Revisor de Língua Portuguesa** Gabriela Fernanda Cé Luft  
**Revisor das Normas ABNT** Maria Lúcia Dias

#### Projeto Gráfico

**Projeto Gráfico e Diagramação** Rafael Marczal de Lima  
**Capa** Bibiana Carapeços de Lima  
**Fotografias de Capa** Stock.xchng



**UNIVERSIDADE  
ABERTA DO BRASIL**



# Mediadores de Leitura na Bibliodiversidade

Organizadores

Iara Conceição Bitencourt Neves

Eliane Lourdes da Silva Moro

Lizandra Brasil Estabel

Editora  
Evangraf | 2012



**UNIVERSIDADE  
ABERTA DO BRASIL**



© dos autores  
1ª edição

Direitos reservados desta edição:  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

M159 Medidores de leitura na bibliodiversidade / organização Grupo de Pesquisa LEIA. – Porto Alegre : Evangraf/ SEAD/UFRGS, 2012.  
216 páginas.. : il.

Inclui referências.

ISBN: 987-7727-383-6

I. Educação a distância 2. Leitura : Métodos e técnicas 3. Mediação 4. Tecnologias de Informação e Comunicação 5. Bibliodiversidade I. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Secretaria de Educação a Distância. II. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Departamento de Ciências da Informação. Grupo de Pesquisa LEIA.

CDU 37.018.43 : 028.

---

CIP – Brasil – Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação  
Iara Conceição Bitencourt Neves, CRB-10/351

### **Grupo de Pesquisa LEIA**

Rua Ramiro Barcelos, 2705 – Sala 513 Bairro Santana  
Cep 90035-007 PORTO ALEGRE –RS  
Telefones: 51 – 3308- 5138 Fax: 51 – 33085435  
E-mails: [mediadorleitura@ufrgs.br](mailto:mediadorleitura@ufrgs.br)  
Blog:[http://leia\\_fabricoufrgs.blogspot.com](http://leia_fabricoufrgs.blogspot.com)  
Site: <http://www.ufrgs.br/mediadoresdeleitura>

## Elementos de Linguística

JOÃO VICENTE TEIXEIRA BUZZATTI  
MARIA DO ROCIO FONTOURA TEIXEIRA

### LINGUAGEM, LÍNGUA, LINGUÍSTICA

Toda linguagem é um sistema simbólico que exprime uma visão estruturada do mundo; é, por definição, um conjunto de relações entre signos, objetos e significados. O indivíduo assume o lugar de sujeito desta relação e, através dela, investe de significado um dado objeto, relaciona a ele diversos signos carregados de significados variados em função local e temporal.

As linguagens são um pressuposto da comunicação, que exige que haja um emissor, uma mensagem e um receptor, e estruturam a informação de formas mais específicas (linguagens de máquina, por exemplo, como utilizadas através do computador) ou mais amplas (caso das línguas, por exemplo). A elaboração, reelaboração e o uso constante de linguagens são fenômenos humanos que permitem a codificação da realidade, percebida através dos sentidos, e a elaboração comunicacional desta realidade pelo sujeito, através do estabelecimento de relações entre signos, significados e objetos (significantes).

O uso da linguagem é pressuposto básico à vida em sociedade: somos instados a (e capazes de) criar e utilizar as mais variadas linguagens no transcorrer de nossas vidas. Algumas delas simples, outras altamente complexas e, através destas, nos relacionamos com o mundo à nossa volta, nos tornamos sujeitos ativos da nossa realidade circundante.

Por meio das linguagens, podemos acessar conhecimentos e técnicas complexas e utilizá-las, de forma positiva e construtiva, com maior qualidade de participação na

sociedade, pertencendo e sendo pertinente à comunidade na qual se está inserido. A maior parte destes conjuntos é constituída a partir de um conjunto amplo, altamente complexo, um grupo de grande envergadura dentre as linguagens existentes: as línguas naturais.

A elaboração biológica, física, psíquica e acústica necessária à constituição, ao uso e à manutenção da língua, além de suas capacidades de abrangência e significação, a transformam em um conjunto privilegiado entre as linguagens criadas pelos seres humanos. Por se relacionar intimamente ao curso livre do pensamento, as línguas naturais estabelecem uma relação sígnica própria entre o sujeito, os conteúdos e os objetos. As línguas naturais são dotadas de uma força de significação capaz de sobrepor signo e significante, permitindo que a representação esconda a ausência do objeto representado sob o brilho ofuscante do signo linguístico. Ela é tão abrangente que contém os elementos componentes de seu funcionamento próprio; a língua é um processo em retroação, se dispersando em um devir pleno de continuidades e rupturas, que se renova e se mantém ao longo do tempo.

Capaz de conter uma infinidade de outras linguagens, a língua serve como suporte à captação da realidade circundante através dos sentidos, à elaboração psíquica da realidade captada através destes, à comunicação desta percepção com os indivíduos seus pares, ao registro e armazenamento informacional desta percepção e à transmissão às futuras gerações e aos indivíduos e sociedades mais afastados das informações armazenadas.

Por sua capacidade representativa da realidade mais direta, a língua funciona como elemento privilegiado da formação da identidade dos indivíduos e da coesão de uma comunidade ou grupo social. Desde o século XVIII, povos ao redor do mundo se unem em torno de suas línguas, reconhecendo nelas um elemento imprescindível à sua liberdade de escolha como grupo e da sua continuidade fértil e positiva como cultura; povos oprimidos lutam, através dos tempos, para que suas vozes sejam ouvidas, talvez fique subentendido, mas lutam também por se expressar da forma que melhor conseguem traduzir seus discursos, suas visões de mundo, que é através da sua língua natural, e lutam também para serem entendidos, para que sua língua (e sua cultura) seja(m) reconhecida(s) e respeitada(s). Fronteiras se erguem, hoje em dia, em função, senão de línguas, de políticas que se amparam na distinção linguística (entre outras)

para reivindicar sua liberdade de expressão cultural e sua autodeterminação como nação independente. Desde os primeiros impulsos formadores de um Estado Soberano dos moldes atuais, a língua é um dos elementos constituintes do tipo ideal: além dela, um território, um povo, um governo.

O estudo analítico da língua e, ainda mais, das diversas linguagens, está firmemente associado à produção contemporânea do conhecimento, através da força de representação, que exercem o domínio da língua nos mais diversos discursos, sejam eles científicos, literários, legais, médicos ou sócio-políticos. As línguas naturais (português, inglês, francês, latim, etc), tomadas por unidade, constituem grandes conjuntos de relações entre diversos planos ontológicos: físico, simbólico, social, individual, interno e externo. Através, então, da língua, este grande conjunto de relações, temos acesso e nos constituímos como sujeitos dos mais variados discursos que compõem a estrutura da sociedade.

## SEMIÓTICA, SEMIOLOGIA E ESTUDOS DA LINGUAGEM

Surgida ainda no século XIX, a análise das línguas naturais delineou seu objeto através do desenvolvimento de métodos analítico-descritivos e do compartilhamento de instrumentos interdisciplinares. O campo científico, como descrito anteriormente, estava aberto a novas formas discursivas, em um novo plano de dispersão dos discursos no século XIX. Podem ser localizadas permanências, resistências e continuidades, mas, já na virada do século XX, uma infinidade de disciplinas se alçavam ao patamar de cientificidade, baseadas na nova organização do conhecimento. Não eram somente novos discursos, os objetos destes discursos científicos haviam também mudado e as formas como uns e outros se relacionavam estavam abertas às filosofias do conhecimento. A linguagem tornava-se objeto de estudo, “se entranhava na sua espessura de objeto e se deixava, de parte a parte, atravessar por um saber” (FOUCAULT, 1999, p.415).

Quase simultaneamente, na Europa e nos Estados Unidos surgem, com viéses manifestamente independentes, estudos sobre a linguagem e seus elementos, com ênfase na estrutura da língua, no Velho Continente, e com uma matriz fundamentada na lógica, na América do Norte. Surgidos do contexto de efervescência de desenvolvimento na área da Informação, quando se passou a reconhecer, internacionalmente, o poder emanado do controle da informação, as análises semióticas e, especificamente, linguísticas

tiveram impulso inédito. Os momentos que viram a passagem da língua a objeto de estudos amparados nas novas concepções científicas viram nascer também a Literatura como tal, como uma reconstituição da linguagem “alhures, sob uma forma independente, de difícil acesso, dobrada sobre o enigma de seu nascimento e inteiramente referida ao ato puro de escrever” (FOUCAULT, 1999, p.415), enfim, significativa em si mesma.

Na América, Charles Sanders Peirce (1839-1914), cientista e filósofo norte-americano, contribuiu para a formação do campo do qual se ocupa hoje a Linguística, criando bases filosóficas e instrumentos teóricos para a análise linguística ao desenvolver estudos sobre o que chamou Semiótica. Ao erigir as fundações de sua filosofia na lógica, apresentava um estudo sobre o signo de caráter matemático: na tentativa de sistematização do estudo científico dos signos, aproximava-se do ambiente de desenvolvimento tecnológico da futura informática, procurando na língua definir-lhe as leis de sua estrutura e de seu funcionamento.

Peirce postulou a unidade semiótica como uma relação, deslocando o olhar dos sujeitos e dos objetos e reconhecendo que, através do tempo, os conteúdos podem mudar, ou seja, a relação entre sujeito e objeto pode sofrer alterações as mais diversas. Definiu que esta relação envolve três elementos, todos individuais e interdependentes: o signo, o objeto e a interpretação que os une. Ou seja, a lógica do **signo que significa um objeto**. Ainda reconheceu a transformação dos conteúdos através do tempo, mas dentro de uma estrutura de certa forma permanente.

Fundamentando suas teorias numa relação tríplice, desdobrou as formas distintas que assume o signo de acordo com sua relação com o objeto por ele significado: o ícone, o índice e o símbolo. O signo como ícone caracteriza-se pela semelhança direta com o objeto significado. Uma semelhança aparente ou de natureza, simples reprodução ou cópia perfeita da coisa representada; o ícone evoca a presença da coisa significada, como um retrato traz à presença visual a coisa retratada. Já o signo como índice exprime indício, sinal, contiguidade, referência, consequência com o objeto representado; o objeto não está ali, mas há um traço, um rastro que leva do signo ao objeto. O índice funciona como a pegada na areia, não há semelhança, pode haver similitude, há sim o indício inequívoco do pré-objeto. E, por fim, o símbolo.

Talvez a mais difundida das formas do signo, o símbolo, também não necessita da semelhança, nem mesmo da similitude, nem do indício; o símbolo é um signo com



caráter eminentemente convencional, ou seja, ele é arbitrário, constituído socialmente. O símbolo está intimamente ligado à cultura que o cria, portanto só pode ser estudado estruturalmente em função de um conhecimento sociológico desta cultura. A análise linguística viria a impregnar-se da operação que toma a língua pelo signo, a coisa falada pelo objeto e a fala em si pela interpretação, e seu desenvolvimento ulterior seria sempre marcado pelo uso deste instrumento filosófico de base.

Contemporaneamente a Charles Pierce, nos Estados Unidos, desta feita na Europa, Ferdinand de Saussure (1857-1913) desenvolvia seus estudos em torno da função e da estrutura da linguagem com um caráter mais próximo ao das ciências humanas. Abrindo o campo científico da Linguística, seus estudos lançaram bases a uma nova concepção do pensamento da área, na vaga que havia se estabelecido com a ruptura que, na base dos discursos, solapando pressupostos filosóficos que embasavam os estudos anteriores, da Gramática Geral. Lado a lado a estudos, trabalhos e publicações que ainda procuravam categorizar o fenômeno linguístico aos moldes desta disciplina, que se tornava cada vez mais arcaica e desprovida de poder analítico-explicativo frente à sociedade na qual se inseria, o estudioso de Genebra desenvolveu a Linguística, no âmbito universitário parisiense e postulou, em seu Curso de Linguística Geral, as teses centrais da ciência verbal que se apresentava: o *valor relacional* dos elementos linguísticos; a autossuficiência do sistema semiótico da língua; a necessidade de separar-se a *linguística dos estados* (sincrônica) da *linguística evolutiva* (diacrônica), a natureza do signo e a distinção *langue/parole* (língua/fala).

No que concerne ao valor relacional dos elementos linguísticos, podemos aludir ao fato de que os elementos linguísticos essenciais se inter-relacionam de formas específicas, analisáveis, categorizáveis e, por outro lado, estas relações têm sua duração no tempo, aparecendo e sofrendo leituras, releituras, alterações, adições, subtrações, etc. Para o autor, o signo linguístico não se compõe de uma coisa e um nome, mas da união de um conceito e de uma imagem acústica; levados ambos por entidades psíquicas, estes, na mente, se constituem por um vínculo associativo, uma relação. A fluidez da língua e a capacidade de renovação das relações, reorganização interna das peças e do arranjo, deixam entrever também outro tema que é objeto dos estudos de Saussure: a autossuficiência da língua como sistema semiótico. Quanto à relação sincronia-diacronia, “no primeiro caso, o linguista se interessaria pelas relações entre fatos

coexistentes num sistema linguístico, tal como elas se apresentam num momento dado, fazendo abstração de qualquer noção de tempo; no segundo caso, constituiriam objeto de seu estudo as relações que um fenómeno qualquer, localizado ao longo de uma linha evolutiva (de tempo) mantém para com fenómenos que o precedem ou que o seguem na linha da continuidade histórica” (LOPES, 1975, p.73-74).

Pela percepção de que a relação entre signo e objeto designado nada tem de natural, de intrínseco, não se estabelece, tampouco, por semelhança entre o primeiro e o segundo; Saussure postulou que a natureza do signo é arbitrária. Como cada signo não é imitação, ou cópia exata, do objeto representado (o próprio conceito de representação comporta a ausência e a apresentação de um substituto), “a substância do conteúdo e a substância da expressão não contam, absolutamente, como tais, para a fundação do signo e da função linguística: o que conta é a combinação deles para criar uma forma (...). Um sistema linguístico combina diferenças de sons com diferenças de ideias, e assim instaura um sistema de valores” (LOPES, 1975, p.85).

Quanto à distinção entre “*langue*” e “*parole*” é mister ressaltar que, além de entidades diferentes, elas estão inter-relacionadas no funcionamento geral da língua e são analiticamente pertencentes a planos diferentes de análise. Definindo os conceitos e deixando entrever a relação entre os dois elementos e a distinção dos planos analíticos de ambos, “por *langue*, ‘língua’, Saussure designava o próprio sistema da língua, isto é, o conjunto de todas as regras (fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas) que determinam o emprego dos sons, das formas e relações sintáticas, necessárias para a produção dos significados”. Já a *parole*, a fala, seria a “parcela concreta e individual da *langue*, posta em ação por um falante em cada uma de suas situações comunicativas concretas”. “Mattoso Câmara traduz *parole* – mensagem na base de um código social que é a *langue* – por *discurso*, distinguindo nele duas modalidades, de acordo com seus modos de manifestação: a *fala* (ou discurso realizado oralmente) e a *escrita* (ou discurso manifestado graficamente)” (LOPES, 1975, p.76-77).

Vários esquemas de compreensão da realidade se utilizam de um método tal qual a teoria descrita por Fichte da tese, antítese e síntese. Outros muitos se esforçam para descrever e categorizar os nomes que se dá à relação do indivíduo com o meio. Parece generalizada a radical separação do sujeito e do objeto: nunca se terá acesso ao objeto em si, só podemos captar o que está entre nós e ele: o que está no meio, seja físico,

químico, anímico ou intelectual, é o que importa, sob a força de sua própria vontade, a vontade de poder da relação acaba por esconder-se. O pensamento científico em geral, para além da Linguística e da Semiótica, se debruça hoje para compreender, analisar e descrever o que se passa entre nós e o que está à nossa volta, nas diversas formas que as relações que servem de mediação entre a observação e a coisa observada podem tomar. Recentemente redescobertas, as ideias do russo Lev Vygotsky estão provocando mudanças conceituais no entendimento desta relação que se estabelece entre nós, através do pensamento e por via dos sentidos e da mente, e a nomeação das coisas, com toda a complexidade relacional advinda de um sistema de linguagem.

Em um curto livro sobre a vida e a obra Lev Vygotsky, Teresa Cristina Rego (1995) ressalta a contemporaneidade dos estudos do intelectual russo. Da edição consultada de 1995 até hoje são dezesseis anos, os sessenta anos que separavam a autora brasileira do pensador russo contam hoje mais de setenta e cinco, e podemos reafirmar a contemporaneidade dos trabalhos de Vygotsky.

Nascido ainda no século XIX, Lev S. Vygotsky viveu apenas 37 anos. Vitimado pela tuberculose em 1934, deixou por volta de duas centenas de trabalhos científicos sobre controvérsias e discussões da psicologia e das ciências humanas em geral de sua época. Seu trabalho pode ser descrito como uma miríade de pequenas observações que faziam parte de um conjunto definido, mas incerto, e compunham o cerne de uma teoria aberta. O contexto de sua obra é a Rússia pós-revolucionária, tempos incertos, mas também tempos de fertilidade do pensamento, já que a ordem capitalista havia sido desfeita e havia uma vaga na reflexão filosófica do socialismo em relação a uma diversidade de discursos. Impressa de forma lacunar e incompleta, sua obra se compõe de estudos científicos, transcrições de aulas e de textos ditados por ele, e uma diversidade de anotações e estudos de diversas áreas componentes das ciências humanas.

Na sucessão dos governos pós-revolucionários, as mudanças políticas na União Soviética provocadas pelo stalinismo deslocaram as teorias de Vygostky para longe do centro teórico do marxismo, taxando seus estudos de “idealistas”. Sucedeu-se a proibição da publicação de suas obras em 1936, estendendo-se a censura até 1956. Nos Estados Unidos, a edição do seu livro “Pensamento e Linguagem” data de 1962 e, no Brasil, “A Formação Social da Mente” é a primeira publicação de autoria de Vygotsky e aparece somente em 1984.

A fim de aludir aos preceitos teóricos do pensador russo, devemos salientar a diversidade dos assuntos abordados por Vygotsky ao longo de sua produção científica. Segundo Rego (1995, p.37), Vygostky

dedicou-se à análise de diversos temas relacionados a seu problema central, dentre eles, a crise da psicologia, as diferenças entre o psiquismo animal e humano, a gênese social das funções psicológicas superiores, as relações entre pensamento e linguagem, a questão da mediação simbólica, as relações entre desenvolvimento e aprendizagem e os processos de aprendizagem que ocorrem no contexto escolar e extra-escolar, o problema das deficiências física e mental, o papel das diferentes culturas no desenvolvimento das funções psíquicas, a questão do brinquedo, a evolução da escrita na criança e a psicologia da arte.

Com a finalidade de perscrutar pelos diferentes componentes integrantes dos processos mentais (neurológico, psicológico, linguístico e cultural), Vygostky dedicou suas pesquisas a um projeto que objetivava dar respostas a três questões fundamentais acerca da psicologia humana e animal: a primeira dizia respeito “à tentativa de compreender a relação entre os seres humanos e o seu ambiente físico e social” (REGO, 1995, p.39); a segunda, “à intenção de identificar as formas novas de atividade que fizeram com que o trabalho fosse o meio fundamental de relacionamento entre homem e natureza” (idem); e, por fim, a terceira, “à análise da natureza das relações entre o uso de instrumentos e o desenvolvimento da linguagem” (idem).

Procurando analisar as funções psicológicas superiores através do que chamou “psicologia sócio-histórica”, Vygotsky dedicava-se ao modo de funcionamento psicológico da mente humana em seus elementos, tais como “mecanismos intencionais, ações conscientemente controladas, processos voluntários que dão ao indivíduo a possibilidade de independência em relação às características do momento e espaço presente” (idem). Diferentes dos processos psicológicos elementares (reações automáticas, ações reflexas e associações simples) que são de origem biológica (hoje em dia, genética), os processos superiores “se originam nas relações entre indivíduos humanos e se desenvolvem ao longo do processo de internalização de formas culturais de comportamento” (idem).

Dentre as diversas proposições de Vygotsky, devemos explicitar aqui a relação entre indivíduo e sociedade, entendida como interação dialética, e, em decorrência deste entendimento, a concepção da origem das funções psicológicas nas relações do indivíduo com o meio, ou seja, o condicionamento sócio-cultural (material) do desenvolvimento mental humano (abstrato). Outra proposição importante versa sobre

a “base biológica do funcionamento psicológico: o cérebro, visto como órgão principal da atividade humana”. Entendido como sistema aberto, móvel, mutável, o cérebro é entendido como “o substrato material da atividade psíquica que cada membro da espécie traz consigo ao nascer” (REGO, 1995, p.42).

Após fundamentar a relação humana com o ambiente como interação dialética e propor o cérebro como um sistema que se poderia chamar de tradutor entre homem e ambiente, Vygotsky chega ao postulado das formas de interação humana com o ambiente e com os semelhantes: através do uso de instrumentos historicamente constituídos. Como nos diz Rego (1995, p.42), “a relação do homem com o mundo não é direta, pois é mediada por meios, que se contituem nas ‘ferramentas auxiliares’ da atividade humana”.

A capacidade de criar estas “ferramentas auxiliares” é de exclusividade do ser humano e estas podem ser da ordem dos instrumentos técnicos ou da ordem dos sistemas de signos. Chegamos, através do sistema de signos elementar representado pela língua, ao cerne da mudança provocada pelas ideias de Vygotsky na teoria psicológica sócio-cultural: primeiro deslocamento, a separação do pensamento em relação à linguagem, tanto no plano material/abstrato quanto no plano teórico; segundo deslocamento, o papel de destaque da linguagem como via de interação entre a cultura e o indivíduo, com funcionamento ativo de transmissão de informações e da mediação dos processos de funcionamento psicológico fornecidos pela cultura para com os indivíduos; e, por fim, terceiro e fundamental deslocamento, a primazia da relação no sistema linguístico, isto é, deslocando o foco da análise das palavras e das coisas, a relação entre elas ganhava espaço através do conceito de *significado*, como nos diz o próprio Vygotsky, “é no significado da palavra que o pensamento e a fala se unem em pensamento verbal”.

É no significado, então, que podemos encontrar as respostas às nossas questões sobre a “relação entre o pensamento e a fala” (VYGOTSKY, 2008, p.5). O autor segue no seu propósito de demonstrar que o sistema de signos linguísticos estabelece uma relação *sui generis*, de alta complexidade, com o pensamento, para além de outros mecanismos psíquicos e cognitivos e de outro sistema simbólico qualquer.

Para o que nos cabe neste ensaio, o autor revela-se um integrante de destaque no grupo de estudiosos de diversas correntes filosóficas e atuantes em diferentes áreas do conhecimento, que ganhou importância extrema no pós-guerra e se desenvolveu,

fecundamente, até a década de 80 e pôs a descoberto, revelou a importância e a primazia da relação nos processos humanos. Não queremos dizer aqui que a relação foi descoberta por estes pensadores, o que se propõe é que, antes desta época, a primazia da racionalidade científica alternava-se, ora para o sujeito, ora para o objeto e só havia se dedicado às formas que se pode investir a relação de forma lateral, parcial ou em função de um dos dois, significante ou signo.

## LINGUÍSTICA: INSTRUMENTOS E DISCIPLINAS AUXILIARES

A Linguística é uma ciência que se empenha em descrever fatos de uma ordem específica: entre Antropologia e Semiótica, se ocupa dos fatos linguísticos. A Antropologia opera através da língua, em busca da cultura e das relações sociais; a Semiótica estuda os variados sistemas de signos através dos quais os indivíduos se relacionam e aprendem, conservam, transformam e transmitem a cultura; a Linguística, por sua vez, toma por objeto o que para aquelas ciências é um meio: é a ciência do signo verbal. Como tal, se ocupa da principal modalidade de sistema sógnico, as *línguas naturais* (inglês, português, espanhol, latim, etc).

Através do sistema básico que cada língua representa, os indivíduos e as sociedades constroem sistemas sógnicos secundários e se utilizam de uma variedade enorme deles para traduzir suas percepções da realidade a cada instante: a palavra está em todo lugar, dita ou escrita. A Linguística se define como uma ciência descritiva e explicativa, e não normativa ou prescritiva, e relaciona-se intimamente, no caso do ensino escolar, com as disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa. Ao debruçar-se sobre as línguas naturais, no caso brasileiro a língua portuguesa, fornece o cabedal teórico-metodológico necessário à análise funcional da língua em seus diversos aspectos. Seu campo de estudo é multidimensional, isto é, engloba diversas abordagens que buscam detalhar ramificações da ciência como a Fonética e a Fonologia, a Morfologia, a Gramática e a Semântica; além disso, busca analisar os fatos linguísticos através da mensagem e de seu suporte, à procura de sua funcionalidade, tanto no sistema de referência (a língua) quanto em sua atualização (o ato de falar). Ela serve, como veremos, de via de acesso à Antropologia e dá aporte teórico a outros métodos analíticos e descritivos aplicados às línguas naturais, como a Gramática, a Cinésica (análise dos gestos) e a Paralinguística (análise dos sons não-verbais).

Linguística como definida anteriormente, o estudo das línguas naturais, tem como objeto um conjunto vasto e fluido, mutável, inclusive altamente instável em relação ao seu conteúdo, dado a ascensões e desaparecimentos, atualizações e reaparições, incorporações, localizações, movimentos ativos e positivos; ainda configura-se a língua como um fenômeno que se apresenta de forma complexa, envolvendo diferentes sentidos e aparatos cognitivos do sujeito e técnicas, materiais e formas de manifestação distintas. Ao reconhecer a particularidade do objeto, podemos avaliar a Linguística como um campo de estudo que se ampara em uma gama de instrumentos, a fim de analisar a língua em seus diferentes aspectos. Também se empenha em descrever os fatos linguísticos em função de uma série de áreas do conhecimento, que se interdependem e estudam diferentes aspectos da ciência do signo verbal.

As áreas do conhecimento que fornecem à Linguística seus instrumentos analíticos mais difundidos são a Fonética, a Fonologia, a Morfologia, a Sintaxe, a Semântica, a Lexicologia, a Terminologia, a Estilística, a Pragmática (oralização) e a Filologia (textos e linguagens antigas).

A Fonética estuda a substância do plano da expressão das línguas naturais; ela se aplica a examinar os sons da voz humana, independente do seu papel linguístico. Eminentemente estrutural, à Fonética não cabe a significação e sim as propriedades físicas dos sons que são produzidos em determinada língua e sua categorização. A Fonologia, por sua vez, estuda a forma do plano da expressão; se aplica em estudar não aos sons, mas aos fonemas das línguas humanas. A Fonologia estuda sons relacionados complexamente entre si, formando unidades fonéticas que por sua vez possuem significado latente e são capazes de se agrupar também, aumentando a complexidade do sistema.

Quando temos um conjunto complexo, onde estão presentes elementos secundários e a eles se ligam significações, passamos à Morfologia e à Sintaxe. De fronteiras pouco claras, se aplicam a efetuar o estudo da estrutura interna dos conjuntos superiores (frases, locuções, etc.) e das palavras como unidades básicas (palavras, sufixos, raízes, etc.). A Sintaxe está ligada às relações signo-signo, manifestamente a relação fonema-fonema (sufixos, prefixos, raízes) no caso das línguas naturais. A Semântica, dentro da Linguística, seria a ciência responsável pelas “significações das línguas naturais” e dependeria de um estudo do léxico e do estudo das estruturas gramaticais (apoiada na

Morfologia e na Sintaxe). Geralmente, a Semântica está ligada às relações entre signo e objeto, em relação às línguas, podemos considerar o estudo da relação entre as palavras (como conjunto de fonemas) e os objetos por elas representados. A Lexicologia estuda o conjunto formado pelas palavras de uma dada língua, auxiliando a Lexicografia, responsável pela elaboração de dicionários, enciclopédias e outras obras cujo conteúdo oferece usos e sentidos do léxico.

Junto à Lexicologia trabalha a Terminologia, esta última limitada aos conjuntos de palavras técnicas e científicas. A Estilística, como o próprio nome já sugere, estuda os diversos estilos na linguagem, além da prosa e da poesia, as formas mais difundidas, as formas da Estilística podem ser percebidas também nos estudos da Diplomática (análise da estrutura dos documentos oficiais) e, com um pouco mais de critérios, podemos criar uma longa série de categorias textuais. O mesmo se passa com a Pragmática que, de forma geral, pode ser integrada à Semântica e é-lhe como que a continuação, pois estuda os diferentes usos da oralização textual. Ao deter-se nas manifestações orais da linguagem, a Pragmática pode conter categorias diversas em torno de seus critérios de avaliação.

Por fim, a Filologia estuda os textos e linguagens antigos. Esta disciplina se debruça sobre as formas arcaicas das línguas e as línguas antigas, eventualmente extintas ou em vias de extinção. Além destes instrumentos, a Linguística ainda mantém um vínculo estreito com os estudos da Cinésica (análise dos gestos) e da Paralinguística (análise dos sons não-verbais). Seja aliada à Pragmática ou aplicada a formas de comunicação através da língua de forma exclusivamente gestual, a Cinésica está ligada às análises linguísticas por tratar de significações específicas da dimensão física onde se dá o fato linguístico. Já a Paralinguística pode ser considerada um desdobramento da Linguística em função de conjuntos excluídos da língua, de sons que não pertencem à categoria de verbais, mas que nem por isso deixam de conter significado e atuar em diversas linguagens internas às culturas.

## CONCLUSÃO

A análise do signo apresenta desenvolvimentos essenciais à teoria estruturalista. Esta se desenvolve a partir do sistema signo-objeto-representação, partindo dos variados sistemas individuais em direção ao seu coletivo, um sistema de sistemas.



A Linguística, como a Antropologia estruturalista de Marcel Mauss e Claude Lévi-Strauss e uma geração de cientistas oriundos de diversas áreas, do final do século XIX à primeira metade do século XX, indica como crucial em seus estudos a questão da linguagem.

A sociedade se confunde com a língua, numa época de nacionalismos à flor da pele. A língua torna-se bandeira, usada por povos oprimidos dentro de fronteiras que não são suas ou bandeirantes que catalogam plantas, animais, rios, montanhas, tribos e paisagens. Para os desbravadores antropólogos logo surgiu a questão da língua como via de acesso à cultura. Implicitamente, reconhece-se a língua como dado cultural, mas de uma natureza intercambiável à luz da sociedade que dela se utiliza e da qual é suporte.

A questão não é simples, envolve a interação da língua com outras formas de manifestação social e toda uma teoria estrutural que envolva a sincronia e a diacronia dos sistemas sociocultural e sócio-linguístico; depende, ainda, de uma análise das estruturas de parentesco e suas relações sócio-linguísticas no seio da sociedade.

A Linguística, a Antropologia, a Psicologia e outras tantas ciências contemporâneas se entrecruzam em um tema bastante fértil e longe de uma abordagem inequívoca e definitiva: a língua materna e a representação (única e original) da realidade que os indivíduos produzem através dela.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Marcello C. d'. **Atenção, Signos, Graus de Informação**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1973.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: M. Fontes, 1999.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

LOPES, Edward. **Fundamentos da Linguística Contemporânea**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1975.

\_\_\_\_\_. **A Identidade e a Diferença: raízes históricas das teorias estruturais da narrativa**. São Paulo: EDUSP, 1997.

REGO, Teresa C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

VYGOSTKY, L. S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.